

João Viana Antunes* ■ Pedro Baère de Faria *

Estações romanas na Região Demarcada a Sul do Douro

Esta breve comunicação é o resultado dos trabalhos preliminares por nós levados a cabo no seio da equipa de investigação do GEHVID e que integra complementarmente elementos de recolha bibliográfica e o trabalho desenvolvido directamente no terreno.

Daqui se retirou uma noção, porventura ténue, do que terá sido a ocupação humana na Época Romana e em períodos mais imediatamente sequenciais na região a estudar, bem como o seu possível relacionamento com aspectos económicos, no caso, intimamente ligados à produção vinícola.

Assim, estaremos perante um ponto de partida para uma investigação futura mais alargada e aprofundada no campo da prospecção, sondagem e escavação, o que permitirá obter uma noção tão completa quanto possível do que terá sido na Antiguidade e Alta Idade Média o povoamento da zona Sul do rio Douro na área definida e a sua relação com a vinha.

A bacia Sul do rio Douro evidencia uma série de vales encaixados, entrecortados por um relevo que, nas suas cotas máximas, oscila entre os 700 e os 800 metros.

Em termos hidrográficos, o Côa e o Águeda, afluentes do Douro, vitalizam, juntamente com as suas inúmeras ribeiras, uma vegetação em grande parte constituída por vinhas, oliveiras e amendoeiras, às quais se juntam o trigo, a cevada – de exploração cada vez mais ínfima – e uma cobertura natural de carvalhos, castanheiros, nogueiras, choupos, amieiros, freixos e salgueiros, esparsa, mas relativamente abundante.

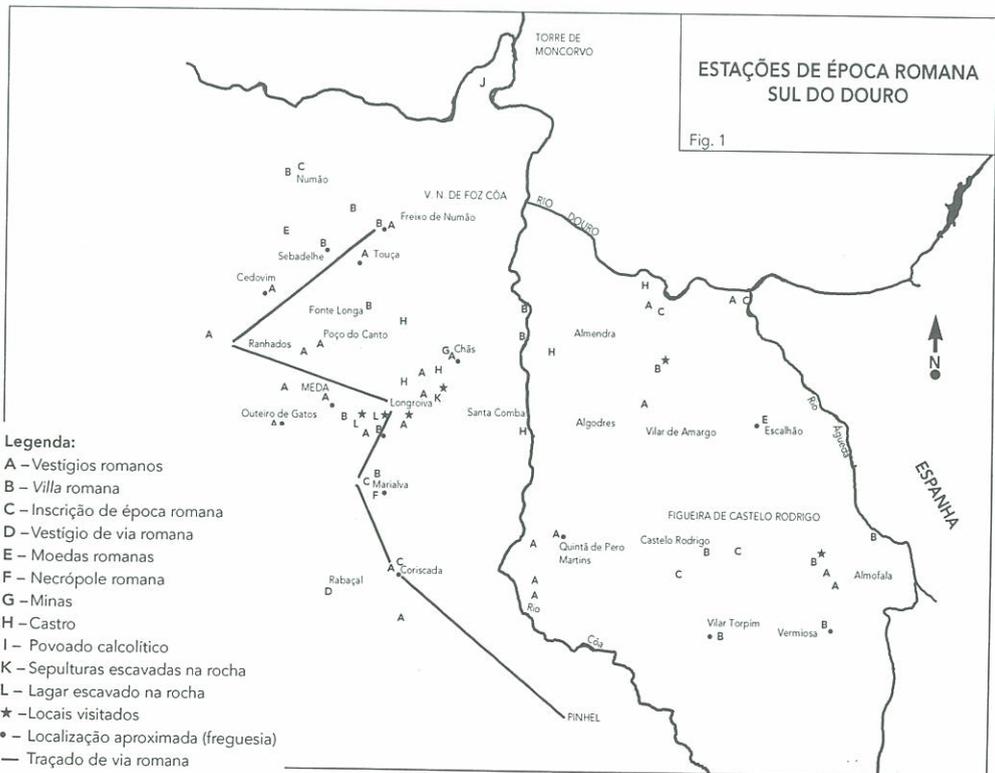
O solo xistoso predomina sobre as pequenas manchas graníticas que afloram aqui e além na paisagem, contribuindo para uma caracterização algo agressiva do relevo.

É neste tipo de paisagem coberta de giesta, tojo, urze, maias, estevas, rosmaninho, tormentelo, bela-luz e trovisco, calcorreado pelos rebanhos de ovelhas, que emergem os pombais, testemunhos constantes da presença humana que marcam a propriedade dos seus construtores.

O povoamento, protagonizado pelas sedes concelhias de Meda, Foz Côa e Figueira de Castelo Rodrigo, agrupa-se em freguesias das quais destacamos Numão, Freixo de Numão, Cedovim, Sebadelhe, Ranhados, Longroiva, Marialva, Coriscada, Castelo Melhor, Almendra, Santa Comba, Algodres, Vilar de Amargo, Quintã de Pero Martins, Barca de Alva, Escalhão, Castelo Rodrigo e Almofala, onde o *habitat* assume a vocação nuclear da aldeia abrigada no vale, paralelamente à dispersão que lhe é conferida pelas quintas espalhadas pela encosta e meia encosta do relevo.

É neste tipo de enquadramento que se detectam actualmente as múltiplas referências da presença do homem desde o Calcolítico à actualidade e, para o caso vertente, a variedade e quantidade de vestígios da sua permanência na Época Romana e na Alta Idade Média (Fig. 1).

Começando pelo Concelho da Meda e reportando-nos muito concretamente a Longroiva, são detectáveis no centro da actual vila, inseridos na mota onde se



ergue o Castelo, vestígios de um muro constituído por alvenaria cuja técnica lembra o aparelho romano. À superfície do solo são ainda detectados pequenos fragmentos de cerâmica comum da Época Romana e um ou outro fragmento de tégula.

Na proximidade, no afloramento granítico onde se ergue o templo consagrado a S. Pedro, junto ao qual está a capela de Nossa Senhora do Torrão, foi detectado um conjunto de quatro sepulturas escavadas na rocha, evidenciando duas delas, sinais de um vincado antropomorfismo.

Estaremos perante um núcleo de povoamento que, evoluindo de uma ocupação da Época Romana, ganhou foros de importância capazes de sustentar uma organização paroquial? Esse conjunto de vizinhos foi suficientemente justificador da construção da defesa militar medieval? De onde terá surgido tal importância?

Longroiva é, ainda hoje, uma zona vocacionada para a exploração vinícola. As quintas do Vale da Manta, da Coitada, da Relva, da Setinha, do Meio e dos Gamoais de Baixo indicam as principais explorações agrícolas que caracterizam a mancha económica da região.

A sua localização, nas meias-encostas soalheiras e abrigadas dos ventos, torna-as locais privilegiados de viticultura. Lembremo-nos que, nos socacos da Quinta da Coitada, encontramos fragmentos de tégula e três bordos de dólio, o que, por si só, amplia o espectro dos achados de Época Romana detectados junto do castelo.

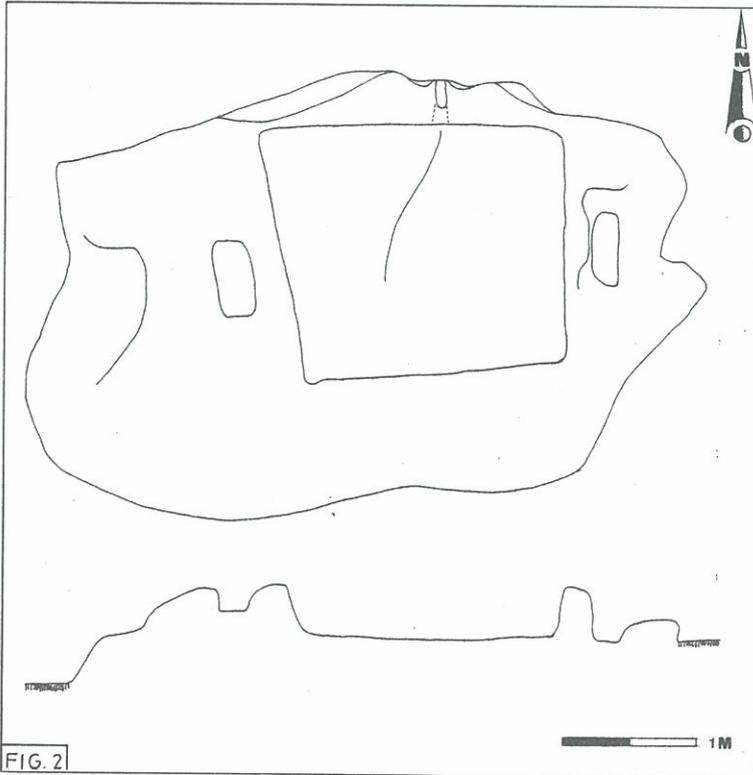
De igual modo, a pequena necrópole de sepulturas escavadas na rocha que se localiza na propriedade da Quinta da Relva, atesta a permanência do povoamento até aos séculos XII/XIII.

A expressão dos achados ligados à exploração agrícola adquire uma relativa importância pela presença dos dois lagares, ambos escavados no granito, encontrados em Longroiva, um em Alagão e outro na Vinha do Celestino, ambos pertencentes à Meda.

O de Alagão está em grande parte destruído, embora seja nítido o tanque escavado num dos seus vértices, concretamente o que está voltado a Noroeste. Com uma profundidade de cerca de 10 cm e 2,20 m no seu lado mais prolongado, este lagar encontra-se, actualmente, no meio de um caminho de serventia que dá acesso aos campos.

O outro, o da Vinha do Celestino (Fig. 2), está muito bem talhado e conservado, encoberto por espessa manta de tojo. Trata-se de um tanque sub-quadrangular, de cerca de 2,00 m x 1,80 m, com uma profundidade que ronda os 40 cm. Está orientado para Norte, com o vazadouro de orifício e canal colector talhados na parede do tanque. Conserva ainda os dois encaixes rectangulares, respectivamente a Nascente e Poente do tanque, destinados a suportar, enquadrar e fixar o madeiramento da prensa.

Estes dois testemunhos que traduzem um certo dinamismo da exploração da vinha na área de Longroiva não são facilmente enquadráveis do ponto de vista cronológico, uma vez que, embora surjam contextualizados numa paisagem ainda hoje vocacionada para o cultivo da vinha, não são conectáveis com quaisquer outros achados capazes de calibrar uma época historicamente definida.



Se dúvidas houvesse quanto à presença do homem neste local em Época Antiga, Jorge de Alarcão trata de as dissipar, sinalizando a região com variados vestígios de Época Romana que, embora dispersos, atestam uma mancha de referências capazes de protagonizar uma certa pujança económica do povoamento: tégula nas Quintãs, na Relva e nos Gamoais (4/68, 4/70 e 4/73), inscrição, colunas, cerâmica, pesos, mós, moedas, calçada e ponte em Longroiva propriamente dita (4/71) e um «aureus» de Adriano na Quinta do Emídio (4/72)¹.

A Quinta da Luzia, pertencente a Almendra, passado já o Côa, está junto da Ribeira de Aguiar e é uma zona de vinha cultivada por toda a meia encosta.

■ ALARCÃO, Jorge de – *Roman Portugal*, II, [Inglaterra, s.d.], p. 55.

Nos seus terrenos xistosos, de suave pendor, foi possível – através da prospecção – detectar vários vestígios da Época Romana, disseminados por toda a área actualmente cultivada. Destaca-se a tégula e a cerâmica comum, juntamente com fragmentos de mó, um fundo inteiro e dois fragmentos de dólíio.

O local, bem soalheiro e abrigado, possui características que podem sustentar – corroboradas com os achados – a ideia de uma ocupação de tipo *villa*, na Época Romana, vocacionada para a exploração agrícola da vinha e/ou da oliveira.

É de salientar a sua proximidade de vestígios de época antiga já referenciados por Jorge de Alarcão, nomeadamente em Castelo Calabre (4/45), Aldeia Nova (4/46) – mercê da inscrição encontrada na Capela do Santo Cristo, trasladada para a capela homónima existente em Barca de Alva – e as cerâmicas detectadas em Olival dos Telhões (4/47)².

Refira-se ainda a informação prestada por Rosário Marques e Susana Cosme, pertencentes ao grupo de Arqueologia Medieval do GEHVID, a qual referencia a existência de cerâmicas da Época Romana, detectadas no lugar de Fonte da Torre (Almendra)³.

De alguma forma fica assim estabelecida uma espécie de «corredor» de ocupação do território que, na direcção Sul/Norte, é limitado por Vilar de Amargo e por Almendra.

Da prospecção efectuada em Barca de Alva salienta-se a detecção da inscrição romana inserida na Capela do Senhor Santo Cristo e proveniente de Aldeia Nova, já publicada por Dinis Cabral, um fragmento de fuste de coluna encontrado no cemitério da capela e variados fragmentos de cerâmica tardo-romana disseminados pelo olival que confina com as traseiras do cemitério. A inscrição fala-nos de um casal, Modesto, filho de Avirato, que morreu com 60 anos, e sua mulher Cornélia Gensúlia, que morreu com 50 anos. O voto foi mandado levantar por seu filho Caio Avimio Modestino e pelo Liberto de Modesto chamado Firmo⁴.

O conjunto destes vestígios localizados na área da Quinta da Pedra – exceptuando, pelas razões aduzidas, a inscrição, embora não repugne que esta fosse, em face dos presentes achados, mais adequada a esta contextualização – poderão ser atribuídos a uma ocupação da Época Romana do Baixo Império que desenvolveria as suas actividades de sobrevivência numa zona actualmente dedicada à exploração vinícola.

A cerca de 8 Km para Sudeste de Figueira de Castelo Rodrigo, ergue-se a «Torre de Almofala». Esta guarda, ao nível do envazamento, uma técnica de cons-

² ALARCÃO, Jorge de – *ob. cit.*, p. 53-54.

³ Agradecemos a estas duas investigadoras a informação prestada

⁴ CABRAL, A. A. Dinis – *Algumas notas sobre o castro do «Castelo Calabro» em Almendra*. Comunicação apresentada ao I Colóquio Português de Arqueologia 1961, Porto, 1962, p. 6-7.

trução tipicamente romana, caracterizada pela sequência de fiadas testa-peito da alvenaria. A ideia que estes elementos arquitectónicos evidenciam é da existência de uma *villa ou mansio*, cujo paralelismo de construção é identificável com o conhecido monumento de *Centum Cellae*, em Belmonte⁵.

Relativamente próximo, a Nordeste deste monumento, Manuel Maia coloca a existência de achados cerâmicos da Época Romana em Cabeço da Reta e em Cabeço da Prata⁶. Jorge de Alarcão localiza, num eixo que não se afastará mais do que 10 Km para Oeste e ainda pertencentes a Figueira de Castelo Rodrigo, uma inscrição romana na Capela de Nossa Senhora da Marofa (4/95), mosaicos, cerâmica e moedas em Castelo Rodrigo (4/99) e uma ara encontrada no Convento de Santa Maria de Aguiar (4/49)⁷.

Isto possibilita-nos a identificação de um novo «corredor» ou eixo de ocupação, de Época Romana, desta feita em sentido Este/Oeste, com dinamismo económico atestado pelos sinais de riqueza evidenciados nos materiais de construção, esteja ele associado à mineração ou à exploração dos recursos agrícolas da região.

⁵ Actualmente em fase de escavação, aguardam-se os resultados da pesquisa para averiguar a extensão e a funcionalidade do edifício.

⁶ MAIA, Manuel – *Vilas Romanas do Território Interanniense*. «O Arqueólogo Português». Lisboa. 3ª Série, vols. VII a IX (1974-1977), p. 212-213.

⁷ ALARCÃO, Jorge de – *ob. cit.*, p. 54 e 56.